

DIANTE DO FIM DO MUNDO: posicionando a religião no antropoceno



<https://doi.org/10.21680/1984-817X.2025v1n01ID38535>

Sinuê Neckel Miguel⁵⁵

RESUMO:

A problemática do antropoceno vista em perspectiva histórica enseja diversas questões, como a dos regimes de historicidade e as conexões entre histórica ambiental e histórica global. Entendemos que o estudo histórico das religiões conecta-se diretamente com o tema do antropoceno na medida em que as religiões elaboram visões da natureza (um conceito-chave para o antropoceno) que repercutem sobre ela. Essas elaborações também dizem respeito à temporalização da experiência humana em sua dinâmica com o espiritual/divino/sagrado. Notadamente, visões apocalípticas, isto é, do fim do mundo, são remobilizadas no tempo do antropoceno. Em face dessas constatações, apontaremos para alguns caminhos que aproximam a história das religiões e a histórica ambiental na encruzilhada do antropoceno.

PALAVRAS-CHAVE: antropoceno; religião; fim do mundo.

FACING THE END OF THE WORLD: Positioning Religion in the
Anthropocene

ABSTRACT:

The problem of the Anthropocene seen from a historical perspective raises several questions, such as the regimes of historicity and the connections between environmental history and global history. We understand that the historical study of religions is directly connected to the theme of the Anthropocene insofar as religions develop visions of nature (a key concept for the Anthropocene) that have repercussions on it. These elaborations also concern the temporalization of human experience in its dynamics with the spiritual/divine/sacred. Notably, apocalyptic visions, that is, of the end of the world, are remobilized in the time of the Anthropocene. In light of these findings, we will point to some paths that bring together the history of religions and environmental history at the crossroads of the Anthropocene.

⁵⁵ Bacharel em História pela UFRGS, mestre em História pela UNICAMP e doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP. Professor no Departamento de História da UFRN. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1057876824489797>. E-mail: sinue.miguel@ufrn.br

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

KEYWORDS: Anthropocene; religion; end of the world.

A história das religiões registra perspectivas bastante diversas no que diz respeito aos modos de apreciação da natureza, com importantes implicações para a elaboração do humano em perspectiva relacional ao divino e àquilo que se considera natural. Para mencionar uma dessas perspectivas, nos séculos XVII e XVIII, conforme Keith Thomas, desenvolve-se na Inglaterra uma concepção filosófica e teológica de clivagem total entre o homem e a natureza, radicalizando a concepção amplamente aceita de que a natureza tinha como único propósito servir àquele a quem Deus teria concedido o privilégio de reinar (THOMAS, 1988, 21-60). Outros autores, como Evan Berry, destacam as raízes religiosas do ambientalismo (BERRY, 2015), de certo modo respondendo às críticas elaboradas por Lynn White Jr. em seu influente artigo *The Historical Roots of Our Ecological Crisis*, de 1967, no qual sustentou que o cristianismo teria contribuído para desenvolver uma atitude não ecológica no ocidente, devido a elementos como a dessacralização da natureza pela rejeição do paganismo, derivada de uma concepção radicalmente transcendente de Deus.

Com o avanço do debate ecológico e a proliferação de suas diversas expressões políticas desde pelo menos a segunda metade do século passado, as religiões têm sido provocadas a reagir sobre os problemas ambientais, tendo em vista sobretudo seu alcance crescente em termos de gravidade. O elevado risco de um colapso ecológico global impõem à reflexão ética e religiosa um novo enquadramento: o ser humano tornou-se capaz de provocar a sexta extinção em massa das espécies que habitam o planeta Terra, inclusive a sua própria, no curso de uma escalada da catástrofe climática eventualmente incontrollável e irreversível. Um aspecto importante das relações entre religiões e natureza, no tempo do antropoceno é, portanto, a emergência de novas perspectivas de fim do mundo.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Defendemos, então, nesse trabalho, uma aproximação entre a história das religiões e a história ambiental, procurando responder ao problema de escala posto por Dipesh Chakrabarty (2021) ao apontar a insuficiência do global para dar conta do objeto antropoceno. Lembramos que é próprio das religiões a tentativa de compreensão de macro objetos, como o cosmos, o caos, a origem e o destino do mundo, deus e o sentido da existência, amarrando passado, presente e futuro com a atribuição de significados e de propósitos que ultrapassam a existência limitada de indivíduos mortais. Com isso, analisaremos, introdutória e panoramicamente, distintos olhares das religiões sobre a natureza e o antropoceno.

Religião e natureza: alguns apontamentos

Na medida em que as religiões oferecem cosmovisões, a natureza é forçosamente um de seus componentes fundamentais. Mesmo que em negativo, quando se elabora alguma forma de rejeição do mundo natural em favor de algum tipo de realidade transcendente, concebida como puramente “espiritual”, a natureza continua sendo estruturante para o pensamento religioso.

É, portanto, vasto o campo de relações entre religião e natureza, que tem sido estudado com mais atenção principalmente dos anos 1990 em diante. Não vamos revisar, nesse artigo, a ampla literatura sobre o tópico em questão. Antes, trataremos de tecer algumas considerações sobre aspectos que julgamos mais importantes para nos aproximarmos da problemática do antropoceno.

Como sintetiza Mary Evelyn Tucker:

As cosmovisões de uma cultura estão contidas em cosmologias religiosas e são expressas através de rituais e símbolos. Cosmologias religiosas descrevem a experiência de origem e mudança em relação ao mundo natural. Rituais e símbolos religiosos surgem das cosmologias e são fundamentados nas dinâmicas da natureza. Eles fornecem ricos recursos para encorajar a transformação espiritual e ética na vida humana. Isso é verdadeiro, por exemplo, no budismo, que vê a mudança na natureza e no cosmos como uma fonte potencial de sofrimento para o

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

ser humano. O confucionismo e o taoísmo, por outro lado, afirmam que as mudanças na natureza são a fonte do Tao⁵⁶. (TUCKER, 2006, p. 400)

As tentativas de compreender as dinâmicas do mundo natural resultam em diversas formas de orientação para o agir humano, o que inclui adequação ao seu ambiente natural para a manutenção da vida, mas também em modos de transcendência, de superação da morte e do sofrimento:

Em suma, as religiões têm sido catalisadores significativos para os humanos ao lidar com as mudanças e transcender o sofrimento, enquanto ao mesmo tempo enraízam os humanos nos ritmos da natureza e na abundância da terra. As tensões criativas entre humanos buscando transcender este mundo e desejando estar imersos nele são parte das dinâmicas das religiões mundiais. O cristianismo, por exemplo, oferece a promessa de salvação na próxima vida, bem como a celebração da encarnação de Cristo como humano no mundo. Da mesma forma, o hinduísmo destaca o objetivo de moksha, a libertação do mundo do samsara, ao mesmo tempo em que realça o ideal de Krishna agindo no mundo⁵⁷. (TUCKER, 2006, p. 400)

Não obstante esse quadro de relações mais gerais, importa notar o caráter cambiante e relacional das representações sobre o mundo natural na ótica das religiões. Variando no tempo e no espaço, de acordo com o caráter agrário ou urbano da experiência dos elaboradores de doutrina, respondendo a dinâmicas políticas e econômicas, e em diálogo com as transformações na história das ideias, o

⁵⁶ Livre tradução minha. No original: “A culture's worldviews are contained in religious cosmologies and expressed through rituals and symbols. Religious cosmologies describe the experience of origination and change in relation to the natural world. Religious rituals and symbols arise out of cosmologies and are grounded in the dynamics of nature. They provide rich resources for encouraging spiritual and ethical transformation in human life. This is true, for example, in Buddhism, which sees change in nature and the cosmos as a potential source of suffering for the human. Confucianism and Daoism, on the other hand, affirm nature's changes as the source of the Dao” (TUCKER, 2006, p. 400).

⁵⁷ Livre tradução minha. No original: “In short, religions have been significant catalysts for humans in coping with change and transcending suffering, while at the same time grounding humans in nature's rhythms and earth's abundance. The creative tensions between humans seeking to transcend this world and yearning to be embedded in this world are part of the dynamics of world religions. Christianity, for example, holds the promise of salvation in the next life as well as celebration of the incarnation of Christ as a human in the world. Similarly, Hinduism holds up a goal of moksha, of liberation from the world of samsara, while also highlighting the ideal of Krishna acting in the world” (TUCKER, 2006, p. 400).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

entendimento da natureza no quadro de cada religião se afigura um mosaico complexo quando visto em perspectiva histórica.

Para exemplificarmos, o caráter agropastoril das comunidades judaicas da palestina vinculava-se aos cultos agrários de fertilidade, como o festival de Sucot (Festa dos Tabernáculos), originalmente celebrado no final da colheita de verão e em preparação para estação chuvosa, e ressignificado no contexto da narrativa do êxodo no deserto. Essa forma de santificação da natureza passa a conviver com elaborações teológicas noutro contexto, o da tradição rabínica da baixa Idade Média, com a filosofia racionalista, o pietismo e a cabala (TIROSH-SAMUELSON, 2006, p. 28-30). Os contextos históricos específicos contribuem, portanto, para explicar permanências e mudanças, variações de foco e reelaborações. Prescrições como a proteção à vegetação ou o necessário descanso da terra, tendo em vista a manutenção da sua fertilidade, são frequentes em diferentes tradições religiosas. Mas isso não significa que o seu impacto nas sociedades que se referenciam nessas tradições seja sempre o mesmo.

Tendo em vista a importância do contexto histórico para as relações entre religião e natureza, podemos falar numa verdadeira “virada” ecológica no pensamento teológico a partir do final da década de 1960. O que Bron Taylor chama de “esverdeamento das religiões” (TAYLOR, 2006, p. 600).

É nesse cenário que ocorrem dois movimentos inter-relacionados: uma “ecologização” das tradições religiosas e uma “religiocização” de diretrizes ecológicas (SANTOS, 2024). Renan William dos Santos aponta para o “esverdeamento” das religiões a partir de uma agenda multifacetada que envolve não apenas o elemento reativo à crítica ao papel histórico das religiões (em particular, o cristianismo) na crise ambiental contemporânea, mas também uma dinâmica propositiva e também competitiva. A crise ecológica, nesse sentido, é interpretada frequentemente pela ótica de uma crise moral entendida nos moldes de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

determinados valores religiosos. Assim, por vezes, a crítica à destruição ambiental vem acompanhada de uma crítica do “desvirtuamento” de tudo aquilo que seria considerado natural, como os papéis reprodutivos de gênero, e a rejeição ao que seria “antinatural”, como a homossexualidade.

De todo modo, o movimento ambientalista e suas instituições de há muito se convenceram da necessidade de contar com as religiões para fazer avançar suas pautas. Em linhas gerais, as religiões parecem necessárias frente à insuficiência de apelos iluministas para enfrentar a grande crise ecológica do nosso tempo:

O apelo racional à justiça, ao interesse próprio esclarecido, ou mesmo ao bem-estar das gerações futuras não parece ter tido sozinho um efeito ou tração significativos. Sensibilidades religiosas, sistemas de símbolos e preocupações éticas também são necessárias em toda a sua diversidade⁵⁸. (GRIM e TUCKER, 2014, p. 20)

Há também uma revalorização de determinadas cosmologias indígenas e africanas como sendo religiões da natureza, que, ao sacralizarem os entes naturais, estariam por isso mesmo mais aptas a reverter a crise ecológica em curso.

Ao mesmo tempo, tensões e conflitos importantes emergem a partir desse amplo movimento de “esverdeamento” das religiões. No budismo, por exemplo, a ênfase na noção de interdependência, que aproximaria essa tradição espiritual à ecologia (veja-se a obra de Joanna Macy), é criticada por aqueles que apontam um desvio com relação ao caminho da libertação. Assim, o objetivo central do budismo não seria “salvar o planeta”, mas sim a libertação do sofrimento, o nirvana (KAZA, 2006, p. 201).

No caso do cristianismo, como apontam Renan William dos Santos e Laurel Kearns (SANTOS e KEARNS, 2024), há uma reação cristã conservadora ao

⁵⁸ Livre tradução minha. No original: “The rational appeal to justice, to enlightened self-interest, or even to the well-being of future generations does not alone seem to have had a significant effect or traction. Religious sensibilities, symbol systems, and ethical concerns are also needed in all their diversity” (John Grim and Mary Evelyn Tucker, *Ecology and religion*, p. 20).

ambientalismo que atuaria como um Cavalo de Troia a seduzir as igrejas e comunidades cristãs com um discurso favorável à defesa da natureza – o que não passaria de um véu a encobrir uma agenda pagã, comunista e malthusiana.

Cristianismo, modernidade e antropoceno

Christophe Bonneuil e Jean-Baptiste Fressoz fazem uma leitura bastante fina e historicamente embasada da emergência do antropoceno – a época geológica em que “o ser humano” (categoria genérica problemática) se tornou uma força de escala planetária capaz de desestabilizar os grandes sistemas biogeofísicos, incluindo o clima da Terra. Embora reconheçam algumas linhas de força gerais - o “desencantamento” (Weber), a preeminência da “racionalidade instrumental” (Adorno e Horkheimer) –, os autores criticam abordagens que consideram demasiadamente generalizantes, sem foco, incriminando pela crise ambiental o “capitalismo em geral, ou pior ainda, ‘a modernidade’” (BONNEUIL e FRESSOZ, 2016, p. 81 e 119). É com essa desconfiança que os historiadores franceses listam os “suspeitos de costume” que estariam na origem dos grandes problemas ecológicos de hoje:

Para autores importantes, explícita ou implicitamente, os nossos males ecológicos se enraizaram na própria modernidade. Encontramos sob sua pena todos os *usual suspects* do grande afresco da história intelectual do Ocidente: em primeiro lugar, a ciência grega, que concebe a natureza como uma exterioridade sujeita a leis independentes das intenções humanas; depois o Cristianismo, que inventa a singularidade do homem dentro da Criação a ser dominada; finalmente, a revolução científica, que substitui uma visão organicista da natureza pela de um mecanismo inerte que pode ser modificado racionalmente. A questão escatológica da crise ambiental leva-os assim a oferecer narrativas imensas e majestosas, narrativas que destacam uma hipotética “grande

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

divisão”, uma grande separação entre o homem e o resto dos seres⁵⁹.
(BONNEUIL e FRESSOZ, 2016, p. 86)

Embora possamos concordar com a necessidade de pesquisa histórica empírica para compreender os (des)caminhos que conduziram às catástrofes ecológicas atuais, incluindo processos não lineares e dando a devida atenção para múltiplas agências, o recurso heurístico à força estruturante de macroprocessos históricos também é válido, desde que não seja um atalho analítico. O capitalismo ou a modernidade *podem* ser chaves explicativas, desde que devidamente elaboradas com substanciais nexos causais históricos que permitam o estudo dos diversos agentes e fatores condicionantes que efetivamente, em sua interação, conduzem à dramática situação presente. Dentro do quadro do capitalismo, por exemplo, faz todo o sentido pensar na tendência à marginalização dos alertas ambientais⁶⁰ destacados por Bonneuil e Fressoz desde a alvorada do antropoceno, no século XVIII, até a Grande Aceleração pós-1945, o que os autores chamam de “desinibição moderna” (BONNEUIL e FRESSOZ, 2016).

É com esse intento de procurar uma resposta complexa para a questão da origem do antropoceno (e de seus percursos) que podemos tecer algumas considerações sobre as religiões. A já mencionada tese do medievalista Lynn White Jr. sobre a tradição judaico-cristã como uma força determinante da disposição para a dominação/destruição da natureza no Ocidente serve como um bom ponto de partida para o debate sobre as relações do cristianismo com a modernidade e o

⁵⁹ Livre tradução minha. No original: “Pour des auteurs importants, de manière explicite ou implicite, nos maux écologiques s’enracineraient dans la modernité elle-même. On retrouve sous leur plume tous les *usual suspects* de la grande fresque de l’histoire intellectuelle de l’Occident : la science grecque tout d’abord, qui conçoit la nature comme une extériorité soumise à des lois indépendantes des intentions humaines ; le christianisme ensuite, qui invente la singularité de l’homme au sein de la Création à dominer ; la révolution scientifique enfin, qui substitue à une vision organiciste de la nature celle d’une mécanique inerte que l’on peut modifier rationnellement. L’enjeu eschatologique de la crise environnementale les pousse ainsi à en proposer des récits immenses et majestueux, des récits mettant en avant un hypothétique « grand partage », une grande séparation entre l’homme et le reste des êtres. (BONNEUIL e FRESSOZ, 2016, p. 86)

⁶⁰ José Augusto Pádua desenvolve o tema dos alertas para as possíveis consequências da degradação da natureza no Brasil de fins do século XVIII até o fim do século XIX (PÁDUA, 2004)

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

antropoceno. Conforme, Keith Thomas, o breve artigo de White Jr (1967) tornou-se “quase que uma bíblia pra os ecologistas de nossos dias” (THOMAS, 1988, p. 28).

White Jr. remonta ao passado medieval inovações tecnológicas agrícolas importantes (como o arado pesado desenvolvido no norte da Europa, puxado por oito bois) que teriam sido decisivas nos desenvolvimentos futuros do Ocidente e no seu impacto ecológico. Mas insiste que a atitude exploradora (visível nos calendários ilustrados francos, com homens arando, colhendo, cortando árvores e abatendo porcos) dependia do que as pessoas pensavam “sobre si mesmas em relação às coisas ao seu redor”, isto é, a “ecologia humana é profundamente condicionada por crenças sobre nossa natureza e destino—ou seja, pela religião”. O historiador entende que a “vitória do cristianismo sobre o paganismo foi a maior revolução psíquica na história da nossa cultura”. A narrativa bíblica, no livro do Gênesis, é destacada por dar suporte ao antropocentrismo em termos de dominância sobre a natureza, cujos seres não teriam nenhum outro propósito senão servir aos propósitos humanos (WHITE JR., 1967, p. 1205). A transcendência de deus com relação à natureza prolonga-se no dualismo entre esta e o homem (criado à imagem e semelhança de deus)⁶¹.

Diversas reações críticas seguiram-se ao artigo de White Jr., como um artigo de Lewis W. Moncrief, em que outros fatores que não a ética religiosa ganham proeminência na explicação da crise ambiental – como o capitalismo e a democratização que aumentaram a urbanização, a riqueza, a população e a propriedade de recursos individuais -, além de fatores específicos, como o papel da fronteira na conformação da sociedade norte-americana, em que a natureza aparece

⁶¹ White Jr. ainda tece considerações sobre as diferenças entre o cristianismo no ocidente (salvação pela ação) e o cristianismo oriental (salvação pelo intelecto), derivando dessa diferença o embasamento para uma atitude mais ativa com relação à natureza, isto é, mais propícia ao desenvolvimento da ciência e da técnica. E, por fim, aponta para uma tradição cristã alternativa, capaz de fazer frente à crise ecológica: a perspectiva de Francisco de Assis (White Jr. 1967, p. 1205-1207).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

mais como obstáculo do que recurso, enquanto aquilo que se percebe como recurso natural aparenta ser inesgotável (MONCRIEF, 1970).

Keith Thomas recupera alguns dos argumentos dos críticos de White Jr., insistindo que os “problemas ecológicos não são exclusivos do Ocidente, pois a erosão do solo, o desmatamento e a extinção de espécies tiveram lugar em partes do mundo onde a tradição judaico-cristã não teve qualquer influência” (THOMAS, 1988, p. 29). Dos maias aos chineses, abundam exemplos de povos que em algum momento de sua história agiram como vetores importantes de degradação ambiental. Nesse sentido, é interessante notar que religiões orientais, como o confucionismo e o taoismo, mesmo com uma visão de mundo antropocômica que interconecta o divino, o humano e a natureza, não preveniram a degradação ambiental na Ásia, seja no período moderno ou pré-moderno:

No período pré-moderno, governos centralizados sancionaram a exploração de recursos, muitas vezes desconhecendo os limites ecológicos. No período moderno, essa degradação é causada pela rápida taxa de modernização, impulsionada pela explosão populacional, aumento do consumo e necessidade de novas fontes de energia. Em ambos os casos, a disjunção entre ideias religiosas sobre a natureza e o uso da natureza é evidente⁶². (GRIM e TUCKER, 2014, p. 23)

Frente a esse debate podemos levantar o problema da agência religiosa: a religião apenas expressa o “espírito do tempo” ou pode ser considerada uma variável independente, condicionante desse “espírito do tempo”?

A tese weberiana sobre a afinidade eletiva entre ética protestante e o espírito do capitalismo, embora alvo de muitas críticas, fornece um modelo de associação possível entre desenvolvimentos econômicos e aspectos morais/culturais. Isso é importante porque a economia, de um ponto de vista histórico, não deve ser

⁶² Livre tradução minha. No original: “In the premodern period centralized governments sanctioned the exploitation of resources, often unaware of ecological limits. In the modern period this degradation is caused by the rapid rate of modernization, driven by population explosion, increased consumption, and the need for new energy sources. In both cases the disjunction between religious ideas about nature and the use of nature is evident” (GRIM e TUCKER, 2014, p. 23).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

pensada nem como uma abstração lógica nem como uma objetividade puramente material, como se não houvesse contexto simbólico e valores morais envolvidos com suas práticas.

De todo modo, o antropoceno tomado como evento histórico está visceralmente ligado ao capitalismo. Nesse sentido, localizar o modo como as religiões têm se posicionado diante do capitalismo constitui passo fundamental para compreender os possíveis arranjos que vão se constituindo no tempo presente entre religiões e determinadas visões prospectivas do futuro da humanidade e do Planeta.

Como apontou William Coleman, nossa “crise ambiental moderna está intimamente ligada às práticas e crenças que, em diferentes períodos da experiência da sociedade ocidental, definiram padrões aceitáveis de comportamento econômico” (COLEMAN, 1976, p. 30). Coleman recupera a abordagem de White Jr., mas identifica o ponto de impacto decisivo do pensamento judaico-cristão no campo do individualismo econômico do século XVII (COLEMAN, 1976, p. 44). Para ilustrar seu argumento, Coleman cita os escritos do teólogo natural e clérigo inglês William Derham, caracterizados pela sanção cristã para o individualismo econômico e a acumulação de capital. Assim,

A resposta cristã à atitude empreendedora foi muitas vezes positiva e de forma alguma simplesmente indiferente ou mesmo hostil. Os cristãos foram mantidos na fé, seja por meio de uma interpretação menos severa das exigências diárias da moralidade prática ou, como revela o caso de Derham, por meio de uma revisão doutrinária explícita. Membros da comunidade cristã não apenas se ajustaram ao individualismo econômico, mas o adotaram como seu. Ao fazer isso, reiteraram uma concepção ocidental de longa data da relação do homem com a natureza e o fizeram em um momento particular do desenvolvimento econômico europeu que permitiu que essa ética

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

exploratória cobrisse uma implementação vasta e sem precedentes⁶³.
(COLEMAN, 1976, p. 40-41)

Em se tratando de cristianismo, em termos genéricos, Christopher Partridge ainda destaca o impacto da desvalorização do corpóreo/mundano em favor de uma vida futura exclusivamente espiritual, o que estimularia a indiferença com a vida material (PARTRIDGE, 2005, p. 51-54). Essa indiferença, que em princípio pode ser vista em sentido oposto ao da exploração da natureza, acaba sendo um elemento apassivador num cenário em que a natureza já vem sendo degradada. Ou seja, a indiferença não é o motor da crise ecológica, mas contribui para acomodar as pessoas à crise. Esse é um elemento particularmente importante para pensar o contexto do tempo presente.

Por outro lado, mesmo no ambientalismo que se estruturou a partir de análises científicas pode-se identificar motivações ou raízes espiritualistas. Aldo Leopold, o engenheiro florestal holístico que influenciou enormemente o ambientalismo conservacionista nos EUA, bebeu nas fontes do misticismo russo via Pyotr Demianovich Ouspensky, por sua vez influenciado pela teosofia. Rachel Carson, a aclamada bióloga autora de *Silent Spring* (1962), também possuía uma espiritualidade baseada na natureza (TAYLOR, 2006, p. 595-596). Evan Berry, por sua vez, defende a tese das raízes cristãs do ambientalismo norte-americano (BERRY, 2015).

Seria importante a elaboração de uma agenda de pesquisa capaz de examinar se as variações no discurso religioso sobre a natureza apenas “respondem” às mudanças sociais e econômicas ou se, ao contrário, a religião age como força de

⁶³ Livre tradução minha. No original: “The Christian response to the entrepreneurial attitude was often positive and by no means simply indifferent or even hostile. Christians were held to the faith either through a less stern interpretation of the daily demands of practical morality or, as Derham's case reveals, by explicit doctrinal revision. Members of the Christian community not only adjusted to economic individualism, they adopted it as their own. In so doing they reiterated a long-standing Western conception of man's relation to nature and did so at a particular moment in European economic development which allowed that exploitative ethic to cover farflung and unprecedented implementation” (COLEMAN, 1976, p. 40-41).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

relativa independência, antecipando tendências ou contrariando ideias dominantes. Por outro lado, há sempre risco de excessiva simplificação ao procurarmos isolar determinadas “forças sociais” como causas principais. Captar a dinâmica relacional é um grande desafio analítico.

Fim do mundo e antropoceno: uma questão de religião

Uma das formas de pensar o antropoceno é do ponto de vista da sua temporalidade. A falta de horizonte, de preocupação com o futuro, própria da lógica imediatista impelida pelo movimento do capital, faz ruir a política como ação necessária ao entrelaçamento intergeracional. Chakrabarty recupera o argumento de Arendt acerca do habitar humano no mundo, dependente tanto de um trabalho produtor de artefatos intergeracionais, incluindo instituições e construções narrativas, quanto da política, como instância de ação em comum acordo (CHAKRABARTY, 2021, p. 9-10). Dialogando com essa perspectiva, podemos pensar nas religiões como uma espécie de artefato intergeracional. A religião, podemos sustentar, constitui-se numa instituição que amarra passado, presente e futuro com a atribuição de significados e de propósitos que ultrapassam a existência limitada de indivíduos mortais. Eis uma das razões porque ela vem sendo convocada a reagir à crise ambiental, já que teria o potencial de contribuir para fortalecer o senso de responsabilidade intergeracional.

Por outro lado, a temporalidade imposta pela emergência climática é de um prazo que não pode ser ultrapassado. A ideia de *tipping point* e a gravidade dos impactos para a vida humana não deixam margem para indefinidos prazos de negociação. O otimismo que acompanha a noção de progresso ou de uma longa marcha de uma história sempre preta do novo, inclusive da superação de suas principais contradições, simplesmente esbarra numa *dead line*. Não há mais tempo

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

para sonhar com o fim do capitalismo em favor de um novo tempo⁶⁴. Assim, é previsível que, com o antropoceno e a centralidade da emergência climática, perspectivas de fim do mundo retomem fôlego.

Aprofundemos a questão. A dimensão temporal é de grande importância para pensarmos o problema do fim do mundo e das suas concepções religiosas. Koselleck apontava para a importância do futuro pensado na perspectiva do progresso, caracterizado pela aceleração e pelo desconhecido, ainda que confiantemente rumando para um horizonte de perfeição (KOSELLECK, 2006, p. 36). Com isso, “o espaço de experiência deixou de estar limitado pelo horizonte de expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 318). Mas, por outro lado, a ciência e a técnica “estabilizaram o progresso como sendo a diferença temporal progressiva entre a experiência e a expectativa” (KOSELLECK, 2006, p. 321).

Numa chave otimista, típica da esperança redentora do progresso industrial, a humanidade assumiria o poder criador divino em suas próprias mãos. Saint-Simon assim se expressava nos anos 1820:

o objeto da indústria é a exploração do globo, isto é, a apropriação dos seus produtos às necessidades do homem, e como, ao cumprir esta tarefa, modifica o globo, o transforma, muda gradualmente as condições de sua existência, o resultado é que por meio dela o homem participa, de alguma forma fora de si, das sucessivas manifestações da divindade, e assim continua a obra da Criação. Desse ponto de vista, a Indústria torna-se o culto⁶⁵. (SIMON *apud* BONNEUIL e FRESSOZ, 2016, p. 11-12)

⁶⁴ Como bem aponta Chakrabarty, a institucionalidade de estruturas como a ONU foi desenhada para a resolução de conflitos com prazos indefinidos e numa escala que alcança, no máximo, o global. Isto é, o aparato institucional existente não é capaz de contemplar adequadamente a escala planetária e o prazo cerrado definido a partir do conhecimento científico acerca do sistema climático.

⁶⁵ Livre tradução minha. No original: “l’objet de l’industrie est l’exploitation du globe, c’est-à-dire l’appropriation de ses produits aux besoins de l’homme, et comme, en accomplissant cette tâche, elle modifie le globe, le transforme, change graduellement les conditions de son existence, il en résulte que par elle, l’homme participe, en dehors de lui-même en quelque sorte, aux manifestations successives de la divinité, et continue ainsi l’œuvre de la Création. De ce point de vue, l’Industrie devient le culte » (SIMON *apud* BONNEUIL e FRESSOZ, 2016, p. 11-12).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Ora, com o antropoceno essa possibilidade de controle, de planejamento, de ordenamento da ação humana no tempo ancorados na ciência e na técnica encontra-se em flagrante ameaça. É o que Rodrigo Turin chama de crise da disponibilidade da história à ação humana (TURIN, 2022). Não se trata mais apenas de pensarmos na paralisa alienante do discurso neoliberal que despolitiza o tempo, esvaziando a possibilidade de elaboração de alternativas para o nosso futuro (TURIN, 2019), mas de nos depararmos com uma força geológica cada vez mais constrangedora das margens de criação humana. No limite, nos depararmos com o risco crescente de uma espécie de fim da linha da marcha histórica. Evidentemente, abre-se aí o espaço de experiência para a recuperação do *telos* apocalíptico do cristianismo (justamente o horizonte de expectativa dominante antes da vitória do tempo do progresso).

Aqui, vale apontar para uma agenda de pesquisa que parece profícua: pensar nas relações entre as expectativas proféticas e milenaristas e as grandes catástrofes socioambientais, como aquelas que envolvem secas e enchentes⁶⁶. Com as secas históricas e as doenças epidêmicas subsequentes do último terço do século XIX, que atingiram o Ceará e outras partes do Sul Global, uma “explosão de revelações milenaristas, insurreições e messias” caracterizaram o que Mike Davis classificou de holocaustos coloniais (DAVIS, 2022, p. 132). Um exemplo mais recente, que encontramos na literatura espírita, sobre a qual já pesquisamos, remete ao tsunami de 2004 que atingiu a Indonésia. Nesse caso, o sentido da destruição aparece como mais um sinal numa cadeia preparatória para a grande transformação planetária

⁶⁶ Conforme o balanço bibliográfico feito por Renan William dos Santos sobre os estudos estatísticos acerca de correlações entre fatores religiosos e atitudes ou comportamentos ecológicos, “a maioria se mostrou inconclusiva ou ambivalente”. E, nos estudos em que houve a identificação de correlações significativas, a constatação mais frequente é de uma influência negativa de posturas “como fundamentalismo bíblico, sectarismo e a crença de que ‘Deus está no controle’”, provocando a diminuição da preocupação com os problemas ambientais (SANTOS, 2024, p. 5). Nesses casos, todavia, é inadequado pensar a religião como uma variável independente – vários fatores condicionantes vêm imbricados, como educação, idade, classe social e, principalmente, identidade política.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

esperada, que implicaria em cataclismas físicos e numa espécie de “faxina moral” (MIGUEL, 2022, p. 196-199).

REFERÊNCIAS

- BERRY, Evan. *Devoted to Nature: The Religious Roots of American Environmentalism*. Oakland: University of California Press, 2015.
- BONNEUIL, Christophe e FRESSOZ, Jean-Baptiste. *L'Événement Anthropocène : la Terre, l'histoire et nous*. Paris: Éditions du Seuil, 2016.
- CHAKRABARTY, Dipesh. *The Climate of History in a Planetary Age*. Chicago: The University of Chicago Press, 2021.
- COLEMAN, William. Providence, Capitalism, and Environmental Degradation: English Apologetics in an Era of Economic Revolution. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 37, No. 1, pp. 27-44, Jan.-Mar. 1976.
- DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais: a criação do terceiro mundo*. São Paulo: Veneta, 2022.
- GRIM, John e TUCKER, Mary Evelyn. *Ecology and religion*. Washington: Island Press, 2014.
- KAZA, Stephanie. The Greening of Buddhism: Promise and Perils. In: GOTTLIEB, Roger S (ed.). *The Oxford Handbook of Religion and Ecology*. New York: Oxford University Press, 2006.
- MERCHANT, Carolyn. *Reinventing Eden: The Fate of Nature in Western Culture*. New York: Routledge, 2013.
- MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo e profecia: uma análise da dimensão política das expectativas proféticas no espiritismo brasileiro. *Revista Crítica Histórica*, ano XIII, nº 25, julho, 2022.
- PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- SANTOS, Renan William. Reconfigurações do ecossistema religioso diante da crise climática global. *Cadernos do OIMC*, nº11, 2024.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

SANTOS, Renan William e KEARNS, Laurel. Trojan horses facing the mirror: A comparison between religious anti-environmental movement organizations in the US and Brazil. *Journal for the Study of Religion, Nature and Culture*, 18(3), 2024.

TAYLOR, Bron. Religion and Environmentalism in America and Beyond. In: GOTTLIEB, Roger S (ed.). *The Oxford Handbook of Religion and Ecology*. New York: Oxford University Press, 2006.

THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TUCKER, Mary Evelyn. Religion and Ecology: Survey of the Field. In: GOTTLIEB, Roger S (ed.). *The Oxford Handbook of Religion and Ecology*. New York: Oxford University Press, 2006.

TURIN, Rodrigo. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. Dansk: Zazie edições, 2019.

_____. Minicurso Antropoceno – “Antropoceno: entre regime climático e regimes de historicidade”, Casa de Oswaldo Cruz, 3 de junho de 2022. Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=CJ-SRGogmxw>

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade